

# Ficheiros Secretos: histórias verídicas e notas soltas da minha relação com o Japão e os japoneses

Inês Carvalho Matos

## Parte III

Uma flor/uma pequena flor/que eu colhi/só a pensar em ti

Hoje recebi um email de um dos meus amigos japoneses que me veio visitar este ano. Ele disse que estava na casa dele e a tomar café na caneca de barro de artesanato português que eu lhe tinha oferecido, e que por causa disso se sentia muito feliz ao recordar-se da sua viagem a Portugal. Estava a escrever porque queria saber se eu estava bem e como estava a correr o meu trabalho (aquilo que inicialmente fez com que nos conhecêssemos no Japão há uns anos). Este tipo de emails deixa-me comovida e ao mesmo tempo demonstra a importância da troca de presentes e o seu papel na relação entre as pessoas.

Aquela humilde caneca de barro fê-lo sentir-se de volta a Portugal e, consequentemente, lembrar-se de me escrever. A mim também já me tinha acontecido estar a arrumar a casa e reencontrar algo dado por um amigo ou amiga do Japão e por isso lembrar-me de lhe ir escrever, por isso pude compreender plenamente a sensação.

Em Portugal geralmente damos e recebemos presentes em duas ocasiões: Natal e aniversários. Nesses casos o bem que se oferece está dentro de um embrulho bonito e o presente perfeito deve ter também um cartão a acompanhar. É a isto que nos referimos quando falamos de “prendas” ou “presentes”. Noutras ocasiões também pode ser feita uma oferta a alguém, como por exemplo levar livros e flores a alguém que está internado num hospital. E como somos um povo

espontâneo ainda podem surgir mais duas ou três formas de oferta de presentes, mas precisamente por causa da espontaneidade nenhuma delas é tão codificada como no Japão.

No Japão a oferta de presentes parece estar em todo o lado e o tempo todo. Da primeira vez que fui sozinha para o Japão escrevi no meu diário que aquilo me parecia uma parte tão significativa da economia do país que se poderia escrever uma teoria económica inteira baseada no poder culturalmente instituído dos rituais sociais através dos presentes. Até à data ainda não encontrei quem escrevesse sobre isto fora do Japão...

A escolha e posterior compra do presente é evidentemente o primeiro dado a ter em consideração, mas no Japão a coisa não se fica por aqui! Embrulhos, pacotinhos, fitas, laços, autocolantes e saquinhos, tudo contribui para a criação de uma pequena obra de arte de atenção e dedicação. O presente deve testemunhar o tempo que se investiu a pensar na prenda perfeita, o investimento que se fez para juntar todas as partes necessárias e o cuidado com que se entrega. Até nas lojas o modo como um produto que compramos nos é entregue se assemelha à dádiva de um presente. No Japão nunca tentem apressar um lojista que está a empacotar um item que compraram. Mesmo que o lojista esteja a ter cuidados com o embrulho que vos parecem desafiar toda a utilidade possível tenham em mente que para ele/ela isso é uma parte do seu trabalho que não pode ser descurada.

Para além da oferta de presentes a grande escala duas vezes no ano - em meados de Dezembro e em meados de Julho - as pessoas dão presentes aos colegas de escola e trabalho quando voltam de uma viagem (turismo, profissional ou outra), aos vizinhos novos quando mudam de casa (recíproco), e sempre que se vão encontrar com alguém que aceitou recebê-los para discutirem um assunto de interesse mútuo. Se forem convidados para a casa de alguém levam um presente para essa família, e se receberem alguém em casa dão de presente algo que

compraram para ser consumido especialmente nessa ocasião. Muitos dos presentes mais onerosos são comida – algo que não é comum em Portugal – como por exemplo cestos de frutas lindíssimas. Mas é bem mais comum a oferta de docinhos (bolos e rebuçados), café e chá.

Uma das coisas mais curiosas que me aconteceu foi o facto de muitos dos presentes que recebi de pessoas que mal conhecia serem coisas como artigos de papelaria que eles imaginaram que seriam adequados para mim por ser uma estudante e uma rapariga: blocos com páginas coloridas e com desenhos de Hello Kitty/Puka/Mifi/etc, canetas muito “kawaii” que eu nunca na vida vou usar, e outras coisas do género. Às vezes até os japoneses escolhem mal os presentes... Em todo o caso, como disse, isto foi da parte de pessoas que eu não conhecia e que estavam só a ser simpáticas.

Na verdade, explicar o assunto “presentes” e toda a etiqueta japonesa aos portugueses tem sido um desafio. Gostaria de dar mais formações sobre isto porque me parece que pequenas mudanças poderiam evitar dramas e equívocos que têm prejudicado muito a interacção entre políticos, empresas, académicos e até amigos. Os obstáculos com os quais me deparo mais frequentemente são sobretudo três: dificuldade em compreender a natureza não-materialista dos rituais de oferta de presentes do Japão e abraçar a prática sem avareza; praticar estes rituais fazendo as escolhas certas tanto nos bens a oferecer como no seu embrulho e forma de entregar; compreender a ligação profunda entre a coesão da relação entre duas pessoas (com os seus respectivos universos de referência: empresas, países, etc) e as trocas de presentes que estas fazem entre si.

Como o assunto da troca de presentes no contexto cultural japonês é uma coisa estrangeira para os portugueses é necessário explicá-la na forma de livros, formações ou workshops, e isso é uma parte do problema. No Japão ninguém aprende formalmente a fazer isto, é uma coisa que faz parte da vida das pessoas, tão natural e óbvia como os nossos

próprios hábitos. Ao explicar como se dá e recebe, o que se dá e em que circunstâncias o fazemos já estamos a formalizar demasiado, e o ouvinte ou formando acaba por ficar com a ideia errada sobre isto. Sem dúvida que é um ritual, que tem ligação com os alicerces da cultura nipónica, e que há uma forma adequada e muitas formas erradas de o fazer, mas também é verdade que o mais importante se pode resumir a isto: o presente que se escolhe dar a alguém e tudo o que envolve cuidar dele até o entregar nas mãos de uma pessoa é o espelho da consideração que lhe temos, das esperanças que depositamos na nossa relação, dos nossos sentimentos e dos sentimentos dela. Se uma pessoa pensar sobre isto acaba por chegar intuitivamente ao resto.

Os presentes são bens materiais mas a sua função é precisamente “desmaterializarem-se”, isto é, servem para evocar aquilo que não é material: a empatia, a compreensão, etc. Os presentes entre duas pessoas também evoluem. Numa primeira fase, quando duas pessoas não se conhecem ainda, as coisas que se trocam são geralmente representativas daquilo que fez com que se encontrassem: vizinhança, relações empresariais, académicas ou profissionais; mas com o tempo e o aprofundamento das relações passam a ser coisas que nós sabemos que falam de nós próprios e ao mesmo tempo vão ao encontro dos gostos e estilo de vida daquela pessoa.

Os japoneses (de modo geral) são particularmente bons a captar esta essência de cada pessoa, às vezes mesmo coisas que não tínhamos consciência sobre nós próprios. Nunca me vou esquecer de um presente que recebi da esposa de um académico que colaborou comigo e com a qual apenas me tinha encontrado duas vezes e sempre sem conversarmos muito. Ela ofereceu-me um lenço (furoshiki) e escreveu um cartão onde dizia que o tecido era fabricado no Japão mas o padrão era inspirado nos tecidos do Renascimento Europeu porque eu lhe parecia uma pessoa que vivia entre esses dois mundos, gostando de ter comigo algo que me lembrasse das minhas viagens mas ao mesmo tempo sem

isso ser muito óbvio. Ora isso resume toda a minha casa, a minha roupa e a minha vida! Uau, eu fiquei espantada quando li as palavras daquela senhora, era como se estivesse “nua” perante a sua extraordinária capacidade de compreender os seres humanos.

O assunto “etiqueta de presentes” tem muitos blogs e páginas de internet, e este é um campo de recursos muito válido pois ajuda a preparar as primeiras experiências, no entanto tenho notado que algumas das coisas mais banais não estão cobertas por estes materiais. Por exemplo, em muitos casos as pessoas a quem eu oferecia o presente ficavam muito interessadas pela caixa, fita ou outro material do embrulho, fazendo perguntas e dando-lhe um valor equivalente ao do presente propriamente dito. Por isso passei a recomendar às pessoas que aprendessem um pouco sobre o que é considerado belo e cuidado do ponto de vista de embalagens e embrulhos segundo a estética japonesa, que escolhessem materiais de qualidade, e que não descurassem este aspecto. Quando dei aconselhamento ao staff da Câmara Municipal de Cascais para preparar um grupo de estudantes e estagiários que foram seleccionados para estarem algum tempo no Japão o resultado foi muito bom: foi contratada uma profissional de design que se inspirou na cultura japonesa do furoshiki e usou panos tradicionais portugueses (lenços de namorados) para preparar os presentes, os quais foram depois entregues na Câmara Municipal de Atami (a cidade geminada com Cascais).

Outra coisa interessante que verifiquei ao longo destes anos foi a importância de não ser ostensivo. Mesmo que se pretenda agradecer um grande favor ou impressionar alguém, os presentes não devem ser bens muito caros, devem ser escolhidos com cuidado mas não parecer luxuosos. Relógios, malas de mão, e todo o tipo de objectos de grande dimensão são conotados como “bem de luxo” mesmo que o seu valor de mercado seja baixo, por isso devem ser evitados. Por outro lado certos bens de artesanato que sejam fabricados com grande atenção ao pormenor, com materiais de

qualidade e que sejam de certo modo únicos são altamente valorizados, tais como têxteis, peles, cortiças, cerâmica e outros do género. Portugal tem a vantagem de ter uma vasta oferta de produtos destes por isso pode aliar-se o “presente” ao “souvenir”, desde que não seja brejeiro e realmente possa ser usado no dia-a-dia da pessoa a quem se vai oferecer.

Não se esqueçam também que existem coisas “proibidas”. Eu não diria que são surpresas mas vale a pena não cair no erro de dar flores brancas ou de cor clara, nunca dar objectos pontiagudos ou cortantes, nada de conjuntos de 4 coisas... E depois, se tiverem dúvidas ou quiserem partilhar uma descoberta interessante, podem sempre escrever-me:

umlongoveraonojapao@gmail.com

**Observações:** Este texto e os que se seguem expressam as minhas opiniões e experiências, e devem portanto ser considerados na sua subjectividade.

Não é meu objectivo nestes textos apresentar resultados objectivos ou teorias consolidadas, e portanto alguns pormenores podem divergir da perspectiva de alguns leitores. Todos os comentários são bem-vindos, especialmente a partilha de experiências e estórias pessoais.

O Japão é fascinante, ter amigos japoneses é uma sorte, e espero que esta colectânea de “Ficheiros Secretos” abra a porta a mais portugueses com coisas para contar sobre o Japão e os japoneses.

Este texto, bem como os cinco primeiros capítulos da colectânea “Ficheiros Secretos”, foram redigidos em 2014.

A autora não prescinde de todos os direitos de propriedade intelectual deste texto e dos outros textos da colectânea “Ficheiros Secretos”, pelo que estes não podem ser publicados ou reproduzidos no todo ou em partes sem a sua autorização expressa e por escrito.